

LETTERATURE D'AMERICA

RIVISTA TRIMESTRALE

LEYLA PERRONE-MOISÉS, *Pessoa e Drummond: poesia e metafisica*

ETTORE FINAZZI-AGRÒ, *Menino (já) antigo. Infância e memória em Pessoa e Drummond*

ALCIDES VILLAÇA, *Um certo sentimento do mundo*

MARLI FANTINI, *A falta que ama: Drummond em frente e verso*

JOÃO ADOLFO HANSEN, *Drummond e o Livro inútil*

VIVALDO ANDRADE DOS SANTOS, *Drummond e a gravata chamejante de Neruda: ecos épicos em A rosa do povo*

VINCENZO ARSILLO, *Un addio brasiliano: dissoluzione e forme della distanza in Farewell di Carlos Drummond de Andrade*

BULZONI EDITORE

BRASILIANA

Anno XXV, n. 107, 2005

« La poesia di Drummond fra testo e intertesto »

LEYLA PERRONE-MOISÉS, <i>Pessoa e Drummond: poesia e metafisica</i>	pag. 5
ETTORE FINAZZI-AGRÒ, <i>Menino (já) antigo. Infância e memória em Pessoa e Drummond</i>	» 25
ALCIDES VILLAÇA, <i>Um certo sentimento do mundo.</i>	» 37
MARLI FANTINI, <i>A falta que ama: Drummond em frente e verso</i>	» 55
JOÃO ADOLFO HANSEN, <i>Drummond e o Livro inútil</i>	» 69
VIVALDO ANDRADE DOS SANTOS, <i>Drummond e a gravata chamejante de Neruda: ecos épicos em A rosa do povo</i>	» 99
VINCENZO ARSILLO, <i>Un addio brasiliano: dissoluzione e forme della distanza in Farewell di Carlos Drummond de Andrade</i>	» 125

MENINO (JÁ) ANTIGO.
INFÂNCIA E MEMÓRIA EM PESSOA E DRUMMOND*

Visto que qualquer tentativa de realizar uma leitura entre, isto é, uma avaliação crítica e comparativa de dois autores, é sempre um desafio à história e ao sentido em que eles estão fatalmente incluídos ou que eles obstinadamente constroem, acho que o modo melhor para levar a cabo esta difícil tarefa seja aquele de considerar o tratamento duma figura específica, para ver se, através dela, conseguimos detectar elementos que contribuem à compreensão da obra de ambos, criando um lugar hipotético no qual os limites históricos se misturam e se entrecruzam, e em que as diferenças estéticas aparentemente se apagam. Acho que seja possível, nesse sentido, identificar na relação com a dimensão infantil aquilo que aproxima a poesia de Fernando Pessoa à de Carlos Drummond de Andrade. Acho, aliás, igualmente legítimo afirmar que o meio através do qual conseguimos medir a distância entre a obra de Pessoa e a de Drummond seja, exatamente, a forma na qual e pela qual os dois poetas se relacionam com esta figura ideal. A infância,

* Texto apresentado no Simpósio Internacional Pessoa & Drummond (São Paulo, 24-27 de outubro de 2005). Aproveito esta oportunidade para agradecer aos organizadores daquele evento — em particular, às Professoras Beatriz Berrini e Elza Miné — o amigável convite e a simpatia com que me receberam.

enfim, se apresentaria, por um lado, como um espaço de interferência e diálogo, sem cessar de ser, pelo outro, uma dimensão de polarização e de afastamento entre os dois autores.

O lugar/não-lugar infantil, então, como limiar simbólico através do qual se dá uma troca virtual e, ao mesmo tempo, como resto material, escombro, pedra interposta no meio do caminho coligando os dois poetas, tão distantes e tão próximos, tão sem jeito (tão *gauches*) e tão ajustados ao seu tempo — que é o tempo da modernidade e o tempo da crise do sujeito; que é tempo de resgate e progresso da humanidade e tempo de “homens partidos.” Mesmo antes de escrever a sua homenagem explícita ao poeta português, com efeito, Drummond já tinha mostrado compartilhar com ele a consciência dramática da divisão e da heterogeneidade do sujeito, como se constata, por exemplo em “Assalto,” incluído em *A rosa do povo* (publicada em 1945):

No quarto do hotel
a mala se abre: o tempo
dá-se em fragmentos.

Aqui habitei
mas traças conspiram
uma idade de homem
cheia de vertentes.

Roupas mudam tanto.
Éramos cinco ou seis
que hoje não me encontro,
clima revogado. (NR, I: 144)

Como se vê, antes mesmo de entrar num jogo de espelhamento e de citação irônica do poeta português (o que vai acontecer com o “Sonetinho do falso Fernando Pessoa,” publicado em *Claro enigma* de 51), já aquela sensação de

dispersão, de alheamento e de inconsistência do Eu circulava pelos versos de Drummond.

Na verdade — e aqui entramos, a meu ver, no cerne da questão — aquilo que aproxima desde o início os dois autores é o que parece ser um dos vetores fundamentais do Moderno, ou seja, a perda de confiança no conhecimento e, sobretudo, na sua transmissibilidade, ou melhor, a consciência da expropriação da experiência. Quero dizer, com isto, que, por paradoxo, a época em que se assiste a uma multiplicação e aceleração dos fenômenos de participação a experiências coletivas (pense-se apenas na vida quotidiana do habitante da cidade) é também — e justamente por isso — a época em que não se dá uma acumulação progressiva do saber e, em consequência, um crescimento e fortalecimento do indivíduo, mas, pelo contrário, resulta ser o tempo da entropia e da perda, da anulação progressiva do sujeito, tornado um Eu “vítreo e transparente” (como percebeu claramente Walter Benjamin, grande testemunha dessa era do Progresso e, ao mesmo tempo, das Catástrofes). Fenômeno, aliás, que foi prontamente registrado pelos intérpretes mais atentos da Modernidade (entre os quais, para além do nome de Benjamin, seria bom pelo menos lembrar o de Nietzsche) e que tem, como causa, a perda de um centro forte de identidade ao qual referir e transferir o excesso de experiência, a aceleração dos processos cognitivos que a vida moderna implica.

Obviamente, também a expressão artística novecentista registra e incorpora esse sentido de insuficiência afetando o indivíduo: deriva histórica levando a uma perda progressiva de qualquer confiança na possibilidade do sujeito de representar o mundo na sua heterogeneidade e na sua dissipação. Talvez o último grande escritor que tentou remediar a esta incapacidade em circunscrever, dentro do perímetro da subjetividade, a pluralidade e o excesso possa ser considerado, justamente, Fernando Pessoa. Com ele, com efeito, entramos num caso quase obsessivo de controle da dispersão, numa tentativa

frustrada de conter a pluralidade e a heterogeneidade das experiências dentro de um espaço egótico de multiplicação e diferenciação do Eu. A obra pessoana seria, nesse sentido, uma espécie de labirinto ou de galeria de espelhos na qual o sujeito se pluraliza para tentar controlar e, ao mesmo tempo, exorcizar a pluralização descontrolada das instâncias. Ele próprio escreveu, aliás, de modo muito claro:

Tenho pela vida um interesse ávido
que busca compreendê-la sentindo-a muito.
Amo tudo, animo tudo, empresto humanidade a tudo,
aos homens e às pedras, às almas e às máquinas,
para aumentar com isso a minha personalidade.

Pertenço a tudo para pertencer cada vez mais a mim
próprio
e a minha ambição era trazer o universo ao colo
como uma criança a quem a ama beija. (OC, II: 100)

A poesia pessoana balança sempre, como se sabe, entre essa atenção doentia a tudo aquilo que corre o risco de sumir no abismo do aniquilamento e da ausência (sensações, estados de alma, identidades virtuais, instantes que se perdem no fluxo ininterrupto do tempo...) e a indiferença ostentada em relação à realidade, a atitude destacada e impessoal (“Tenho, na vida, o interesse de um decifrador de charadas”; *PI*: 65), que é, afinal, outro modo de salvar o sujeito do seu esfarelamento e do seu desgaste, do seu reconhecer-se como instância perdida entre outras, do seu ser algo que se consome no seu “ser-lá” e some no anonimato do seu “ser para e pela morte.”

Obviamente, entre salvação e condenação, entre cuidado extremo e apatia proclamada não só transcorre a sua poesia mas se dissipa também qualquer confiança na possibilidade de redimir o tempo do seu ser tempo, de salvar o Eu e o mundo da sua anulação progressiva e aí, justamente, desponta novamente e se impõe para sempre aquela consciência de um Nada soberano e incontornável celebrada, sobretudo, no *incipit* de “Tabacaria”:

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo. (OC, II: 252)

Desse niilismo repetido e manifesto — que é o produto extremo duma procura desesperada de totalidade — aquilo que se salva é todavia, e mais uma vez, a dimensão onírica, aquela possibilidade que se impõe para alguém ou para além de qualquer realidade: a dimensão, enfim, em que Pessoa sempre colocou a sua idealização da infância como estado subtraído a qualquer perda ou entropia, como tempo feliz e arquetípico em que “ninguém estava morto.”

É exatamente esse mesmo espaço originário e completo, esse mesmo tempo integral e imperecível o alvo absurdo da procura de Drummond: a infância itabirana, a dimensão *u-tópica* e *eu-tópica* na qual se espelhar de corpo inteiro, fugindo à exaustão e ao excesso da experiência, proporcionada pelo espaço urbano, para recuperar aquela completude que o próprio ato de viver torna impossível. É bom, nesse sentido, lembrar pelo menos alguns versos de um poema incluído em *A paixão medida* e intitulado “Nascer de novo”:

Nascer: fincou o sono das entranhas.
Surge o concreto,
a dor de formas repartidas.
Tão doce era viver
sem alma, no regaço
do cofre maternal, sombrio e cálido.
Agora,
na revelação frontal do dia,
a consciência do limite,
o nervo exposto dos problemas. (NR, II: 528)

Como se vê, Drummond parece ser ainda mais “radical” de Pessoa, indicando na fase uterina e materna, numa espécie

de pré-existência — mais uma vez onírica e virtual, pensada como “sono das entranhas” — a única, verdadeira condição de perfeição absoluta, fundada na ausência total de limite e numa forma absoluta, anterior a qualquer diferenciação das formas.

Nesse sentido, os três volumes de *Boitempo* são o testemunho precioso de um trabalho memorial demorado, procurando recompor, com dor e paciência, um passado que só se mostra nos seus frangalhos, que apenas sobrevive nos seus míseros restos materiais (pode-se lembrar apenas o poema “Coleção de cacôs,” em que o poeta se faz colecionador e genealogista, no intuito de reconstruir uma imagem tangível de uma história partida). O poeta português, por contra, nunca parece estar interessado nessa relação memorial e eu diria quase “física” com o seu passado: a sua genealogia é toda resolvida no plano da ficção e do imaginário, na invenção de um “fantasma paterno” com quem dialogar, na construção de um Super-Ego (a quem, por vezes, empresta o nome de Alberto Caeiro) que é sem ser e que não-sendo, “foi vindo e nos criou” (isto é, criou o *nós* da família heteronímica, de um Eu partido e sem fim duplicado).

Nessa perspectiva, poder-se-ia afirmar que, através da dupla representação e/ou idealização da infância e dos meios para voltar a ela, dois conceitos ou visões da história, duas diferentes relações com o tempo se impõem em Pessoa e em Drummond. Por um lado, teremos a ocupação da realidade por parte de um sujeito que se desdobra infinitamente para infinitamente exorcizar a dispersão do Eu e a sua incapacidade de “fazer experiência,” isto é, de crescer do ponto de vista cognitivo ultrapassando a fase infantil. Pelo outro, assistimos (para re-usar de forma arbitrária uma expressão de Luiz Costa Lima) a uma “corrosão” constante da identidade e a uma luta incessante para recompor as ruínas dispersas, os restos já ocultos duma existência integral. De um lado, teremos, enfim, quem sempre ficou “o menino da sua mãe” sonhando, por sua vez, de trazer “o universo ao colo”; do outro, quem procurou

sempre exorcizar o fantasma duma infância perdida nas entranhas do tempo, na tentativa de salvar a história do seu ser arquivo (mapa, regesto, quadro...) de uma Ausência.

Podemos, nesse sentido, comparar dois poemas conhecidos para tentar confirmar a distância entre os dois poetas. O primeiro é assinado por Ricardo Reis, mas quem fala, evidentemente, é Fernando Pessoa com toda a complexidade e o pessimismo que lhe é próprio:

Nada fica de nada. Nada somos.
Um pouco ao sol e ao ar nos atrasamos
da irrespirável treva que nos pese
da humilde terra imposta,
cadáveres adiados que procriam.

Leis feitas, estátuas vistas, odes findas —
tudo tem cova sua. Se nós carnes
a que um íntimo sol dá sangue, temos
poente, por que não elas?
Somos contos contando contos, nada. (OC, III: 147)

O segundo poema, muito mais extenso — e, por isso, vou apenas citar alguns excertos dele —, é o famoso “Resíduo” de Drummond:

De tudo ficou um pouco.
Do meu medo. Do teu asco.
Dos gritos gagos. Da rosa
ficou um pouco.
[...]
Pois de tudo fica um pouco.
Fica um pouco de teu queixo
no queixo de tua filha.
De teu áspero silêncio
um pouco ficou, um pouco
nos muros zangados,
nas folhas, mudas, que sobem.

Ficou um pouco de tudo
nos pires de porcelana,
dragão partido, flor branca,
ficou um pouco
de ruga na vossa testa,
retrato.

Se de tudo fica um pouco,
mas porque não ficaria
um pouco de mim? no trem
que leva ao norte, no barco,
nos anúncios de jornal,
um pouco de mim em Londres,
um pouco de mim algures?
na consoante?
no poço? (NR, I: 154-55)

Aqui, a meu ver, delinea-se, com toda a evidência possível na escrita poética, a atitude diferente dos dois autores diante da história, da memória e da infância: de um lado, a natureza puramente ficcional da existência, causa e efeito duma visão do tempo como enterro incessante do passado, como sucessão infinita de instantes mortais da qual se salva apenas a *in-fância* enquanto dimensão — também do ponto de vista etimológico — do não-dito e do não-dizível; do outro lado, o culto obstinado desse tempo sepultado, dessa “infância pavorosamente perdida,” numa tentativa de redenção do passado graças, justamente, a um trabalho memorial recompondo os traços semi-apagados da existência própria e alheia, preservando aquele quase-nada que resta e que, todavia, ajuda a implantar uma história no lugar do morto — de “*l’absent de l’histoire*,” como o definia Michel de Certeau. “Tudo tem cova sua” escreve Pessoa, e Drummond vai justamente procurar nesse abismo do Nada, vai cavar nesse “poço” uma possível salvação do sujeito, se espelhando naquela continuidade material que nenhuma morte pode interromper, naqueles testemunhos

quase inaudíveis (“consoantes,” fonemas ou pouco mais) a que o Eu rememorante, feito historiador, tem que prestar ouvido.

Ao niilismo de um corresponde o relativismo do outro, ou melhor, ao absolutismo de Pessoa que vê na experiência e na história apenas Perda, Dispersão e Ausência de sentido em relação a uma in-fância que é, por contra, dimensão integral e mítica, subtraída ao tempo humano, corresponde a confiança obstinada de Drummond no poder da memória, na sua capacidade de se aproximar de novo, de voltar, atravessando a linguagem, recompondo as ruínas do presente, perto dum estado de silenciosa (*in-fantil*) perfeição. Nesse sentido, bastaria relacionar versos pessoanos como “Maravilha-te, memória! / Lembras o que nunca foi, / e a perda daquela história / mais que uma perda me dói” (OC, VIII: 162), com o poema abrindo o primeiro livro de *Boitempo* e intitulado, justamente, “(In) Memória”:

De cacos, de buracos
de hiatos e de vácuos
de elipses, psius
faz-se, desfaz-se, faz-se
uma incorpórea face,
resumo de existido.

Apura-se o retrato
na mesma transparência:
eliminando cara
situação e trânsito
subitamente vara
o bloqueio da terra.

E chega àquele ponto
onde é tudo moído
no almofariz de ouro:
uma europa, um museu,
o projetado amar,
o concluso silêncio. (NR, II: 560)

Se o sujeito renuncia, em ambos os casos, à pretensão de resgatar plenamente o passado, de encher os seus vácuos, o poeta português trata, porém, da Perda como de uma condição que pode ser superada apenas na “maravilha,” na situação estática e extática de uma reinvenção mítico-ficcional do tempo (como ele mostrou claramente em *Mensagem*), enquanto o poeta brasileiro aceita a incompletude e a insuficiência, aceita o desafio da Perda para recompor, no trabalho memorial, na elaboração do luto, no corpo-a-corpo com uma linguagem dispersa, aquela anomia e aquele anonimato, aquela “incorpórea face, resumo de existido” — aquele silencioso retrato do passado que permite, enfim, ao sujeito de sobre-viver, seja mesmo na sua dispersão e precariedade. Se, então, para Pessoa a *In-fância* é o absolutamente Outro em relação à história e à experiência, para Drummond ela representaria aquele limiar, aquele “hiato” de que não se pode, mais uma vez, fazer experiência mas que todavia “abre à história o seu espaço” (Agamben: 51), ou seja, lhe dá lugar, na sua insuficiência e na sua continuidade descontínua.

Entre aquilo que some e que se perde e aquilo que resta e precariamente permanece continuam, enfim, a se tecer os fios dum diálogo imaginário: confronto — impossível e, aliás, sem vencedores — entre dois discursos poéticos e dois percursos existenciais que continuam, apesar de tudo, a percorrer a estrada barrada levando à *In-fância*. Enquanto isso, obviamente, em baixo ou por trás de tudo isso, a vida, metade de nada, continua morrendo.

BIBLIOGRAFIA

Obras citadas de forma abreviada

- NR: Carlos Drummond de Andrade, *Nova reunião. 19 livros de poesia* (2ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1985);
- OC: Fernando Pessoa, *Obras completas* (Lisboa: Ática, 1942) — [em vários volumes, alguns deles reimpressos muitas vezes];
- PI: Fernando Pessoa, *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, org. por G. R. Lind e J. do Prado Coelho (Lisboa: Ática, s. d.).

Obras de referência teórica e crítica

- Giorgio Agamben, *Infância e storia. Distruzione dell'esperienza e origine della storia* (Torino: Einaudi, 1978);
- Walter Benjamin, *Gesammelte Schriften* (Vol. III. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1972);
- Michel de Certeau, "L'absent de l'histoire," *Histoire et psychanalyse entre science et fiction* (2ª ed., Paris: Gallimard, 2002), pp. 208-18;
- Michel de Certeau, *L'écriture de l'histoire* (Paris: Gallimard, 1975), pp. 138-42 e *passim*;
- Luiz Costa Lima, "Drummond: as metamorfoses da corrosão," *A aguarrás do tempo* (Rio de Janeiro: Rocco, 1989), pp. 285-319.